

Fotos Bruno Mirandella/OAB-RJ



Técio Lins e Silva, criminalista e presidente de honra da Comissão do Tribunal do Júri da OAB-RJ



Sylvia Drumond, vice-presidente da OAB-RJ



Desembargador Fernando Almeida, do TJRJ



Comissão do Tribunal do Júri da OAB-RJ toma posse com Técio Lins e Silva como presidente de honra

Parte da advocacia criminal do Rio se reuniu, na última quarta-feira (23), na sede da Seccional Rio de Janeiro da Ordem dos Advogados do Brasil, para prestigiar a posse da Comissão do Tribunal do Júri da OAB-RJ, que tem como presidente o advogado Patrick Berriel. Sob aplausos de um plenário lotado, o renomado Técio Lins e Silva aceitou o convite da presidente da Seccional, Ana Tereza Basilio, para ser o presidente de honra da comissão. “O Tribunal do Júri é o mais democrático do nosso Judiciário, pois garante uma representatividade efetiva da sociedade no processo de justiça. Já se questionou sua existência, mas é fundamental reafirmar, aqui na OAB-RJ, a importância

da atuação da advocacia criminal nesse espaço. Que o Tribunal do Júri jamais deixe de existir em nosso ordenamento, por sua natureza historicamente democrática e pelo valor que a sociedade reconhece nele”, comentou Basilio. Também participaram da cerimônia a vice-presidente da OAB-RJ, Sylvia Drumond, o secretário-adjunto da OAB-RJ Sérgio Antunes, o presidente da Comissão de Prerrogativas, James Walker, o desembargador do TJRJ, Fernando Almeida, o criminalista Ubiratan Tiburcio, além de Zoser Plata Bondim e Saulo Alexandre Salles Moreira, vice-presidente e secretário-geral da comissão empossada.



Ana Tereza Basilio e Patrick Berriel, presidente da comissão



James Walker, presidente da comissão de prerrogativas da OAB-RJ, e da Anacrim



Advogado criminalista Ubiratan Tiburcio



Sérgio Antunes, secretário-adjunto da OAB-RJ



Zoser Plata Bondim, vice-presidente da Comissão do Tribunal do Júri da OAB-RJ



Saulo Alexandre Salles Moreira, secretário-geral da comissão

PINGA-FOGO

■ CASTRO EM ANGRA - O governador Cláudio Castro conseguiu finalmente ficar com a família no período de férias dos filhos. Passa o fim de semana em Angra com a família.

■ CAPITAIS INTEGRADAS - Eduardo Paes tem recebido visitas, não só de políticos locais, mas também de prefeitos de outros estados. Só na quinta, dois mandatórios estiveram no Centro Administrativo São Sebastião. Além do prefeito de Itaguaí, Rubem Vieira, o prefeito do Rio recebeu em seu gabinete o prefeito da capital mineira Belo Horizonte, Álvaro Damião. Na pauta, experiências, ações e o futuro das capitais.

■ DESTAQUE NACIONAL - O deputado federal Pedro Paulo foi manchete do ‘O Estadão de S. Paulo’, pela sua longa entrevista ao jornal falando sobre o trabalho que coordena na Reforma Administrativa. O parlamentar do Rio antecipou propostas, como a estratégia para enfrentar os supersalários e penduricalhos em todos os Poderes.

■ SIRENES E CANÇÕES - A Cidade Imperial recebe, nesta sexta-feira, 25 de julho, o ‘Sirenes e Canções In Concert’, da Banda Sinfônica do CBMERJ. As apresentações acontecem na abertura do Festival de Chocolate de Petrópolis, no Palácio de Cristal, às 17h, em comemoração aos 169 anos da Corporação de Bombeiro Militar mais antiga do Brasil.

■ IA NO SERVIÇO PÚBLICO - No momento em que partidos do Centrão desconfiam que o governo esteja patrocinando vídeos com o uso de Inteligência Artificial contra eles, um grande evento na semana que vem discutirá justamente o uso de IA no serviço público. Nos dias 29 e 30 de julho de 2025, o presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB); o prefeito do Recife, João Campos (PSB), e a ministra de Gestão e Inovação, Esther Dweck, são alguns dos nomes aguardados na ‘Smart Gov ANCITT’, evento de referência nacional sobre cidades inteligentes e inovação na gestão pública, em Brasília.

Fernando Molica

O complexo da Maré e o crime que tem CEP

Localizado às margens de três das mais importantes vias expressas do Rio e habitado por cerca de 140 mil pessoas, o complexo de favelas da Maré é uma das maiores provas da falência, não apenas do sistema de segurança fluminense, mas do próprio estado e, mesmo, do país.

A Maré, reconhecida como bairro desde 1988, tem pouco menos de 5 km² — a grosso modo, trata-se uma faixa entre a Avenida Brasil e a baía de Guanabara com cerca de seis quilômetros de comprimento e uns 800 metros de largura (ora mais larga, ora mais estreita). Este retângulo imperfeito, quase todo plano e encravado em área importante da cidade, bem perto do Centro, revela-se inexpugnável.

O Estado brasileiro — aí incluídas praticamente todas as suas instituições, não apenas policiais — revela-se incapaz de promover uma paz duradoura para os moradores da região e para todos os que passam por lá. As tais vias expressas unem diferentes zonas da cidade e são caminhos para o aeroporto internacional.

A resistência e fortalecimento de quadrilhas que dominam essas e outras favelas indica incompetência ou cumplicidade dos aparelhos de Estado — vale apostar na segunda opção. Não se trata de cobrar o fim da criminalidade, da violência e de organizações criminosas que ameaçam tantas sociedades pelo mundo.

Mas é inconcebível que o país não consiga resolver um problema localizado, na cara de todo mundo, um crime que tem endereço, que tem CEP. Está ali, ó. A experiência das UPPs, Unidades de Polícia Pacificadora, mostrou o óbvio, que havia sim como o Estado restabelecer seu domínio em áreas dominadas por bandidos. Deveria ser inimaginável admitir a ideia de que há muitos e muitos territórios à margem dos princípios constitucionais.

Na última quarta, a polícia fez mais uma operação em comunidades da área, a 16ª do ano, de acordo com os registros entregues ao Ministério Público Estadual. Segundo o perfil Maré de Notícias, a ação durou dez horas, chegou a nove favelas, deixou duas pessoas feridas. Moradores relatam invasões de casas sem mandado judicial e depreda-

ção de patrimônio, principalmente veículos.

Às 5h25, os responsáveis pelo campus Manginhos da Fundação Oswaldo Cruz enviaram um alerta para risco para os funcionários desta que é uma das mais relevantes instituições de pesquisas do país e que tem unidades na região. Foi pelo menos o quinto despachado apenas em 2025. Tanto transtorno em troca de nada — o tráfico, por lá, deve estar do mesmo jeito.

O modelo de operações policiais adotado há décadas no Rio serve apenas para reafirmar que esse tipo de invasão serve, principalmente, para causar pânico e mortes, inclusive entre policiais — ano passado, o sargento PM Jorge Henrique Galdino Cruz foi morto numa incursões.

Essas iniciativas servem também para autoridades simularem combate ao crime e disfarçarem a falta de vontade de investirem numa luta capaz de quebrar economicamente as quadrilhas. O fluxo de armas, drogas e munição não é interrompido.

O fortalecimento do poder das organizações criminosas ao longo de tantos anos demonstra, por si só, a inutilidade de tanta mobilização — e não vale culpar o Supremo Tribunal Federal. Mesmo durante a vigência plena da ADPF 635, que estabeleceu normas para operações em favelas, a polícia fazia cerca de três incursões diárias em comunidades pobres.

Nunca é demais lembrar que as organizações de esquerda que tentaram estabelecer um processo de guerrilha contra a ditadura militar e provocar uma revolução de caráter socialista jamais conseguiram dominar nem um pedacinho do território nacional, nem mesmo no Araguaia.

A desfaçatez com que criminosos mandam e desmandam indica a existência de uma espécie de pacto clandestino entre eles e cúmplices instalados no aparelho estatal (e não apenas nas polícias). Um acordão que normaliza a existência de territórios ocupados, que garante lucratividade e dá ao Estado o papel de agência reguladora do tráfico. Um negócio que inclui operações que aparentam confrontos, mas que só reafirmam os poderes dos que mandam.

Tales Faria

Lula e Trump podem jogar truco no Salão Oval da Casa Branca

O presidente nacional do PP, o senador Ciro Nogueira (PI), publicou nesta quinta-feira (24), na rede social “X” (o antigo Twitter): “Presidente Lula, o senhor já disse que acabaria até com guerra dialogando. Não é hora de vaidade. Por que não faz um apelo público ao presidente Trump e abre o diálogo para rever as tarifas? É seu dever proteger e lutar pelo Brasil e os brasileiros.”

Dá para imaginar um encontro entre Lula e Donald Trump no Salão Oval da Casa Branca?

Um risco seria a cena repetir o que ocorreu nos encontros de Trump com Volodimir Zelensky, o presidente da Ucrânia, ou dele com o presidente da África do Sul, Cyril Ramaphosa.

Ambos os encontros foram considerados mais que uma grosseria do anfitrião: uma verdadeira armadilha.

Trump impôs constrangimento público aos dois com cobranças até descabidas. No caso de Ramaphosa, o presidente dos EUA levantou até acusações falsas de genocídio.

Pois é, Ciro disse à coluna que não pensa por aí. Segundo ele, seria “lógico” que Lula aceitasse um convite de Trump para o encontro.

O líder do governo no Senado, Jaques Wagner (PT-BA), por sua vez, também não acha impossível se encontrarem, seja lá onde for. Wagner só coloca uma condição: que Trump aja de maneira civilizada. Disse à coluna: “Depende. Se houver o convite civilizado, sempre conversamos. As guerras começam por falta de conversa e só terminam, ou com a destruição total, ou com uma boa conversa.”

Já a ministra Gleisi Hoffmann, da Secretaria de Relações Institucionais, afirma que Ciro está “tentando mudar o foco da crise”, crise esta que os bolsonaristas teriam criado. Postou na rede “X”:

“Prioridade do Brasil é enfrentar a superta-

xação do Trump, resultado da traição bolsonarista ao país, e não o devaneio do senador Ciro Nogueira, que quer tentar mudar o foco da crise que criaram.”

O encontro seria num clima ameno, como Jaques Wagner parece achar possível? Ou seria num clima mais quente, como sugere o ânimo da Gleisi Hoffmann?

De fato, este seria um grande risco. Afinal, Trump já protagonizou no Salão Oval cenas como nos encontros que manteve com Volodimir Zelensky, o presidente da Ucrânia, e com o presidente da África do Sul, Cyril Ramaphosa.

Ambos os encontros foram considerados, mais que uma grosseria do anfitrião: uma verdadeira armadilha.

O presidente dos Estados Unidos impôs constrangimento público aos dois chefes de Estado com cobranças até descabidas.

Na verdade, é mais provável que o encontro nem ocorra. Lula disse num evento em Minas Gerais, também nesta quinta-feira, que Trump nem quer conversa com o Brasil.

O presidente brasileiro desconfia de que Trump, na verdade, esteja tentando jogar truco.

“Eu não sou mineiro, mas sou bom de truco. Se ele tiver trucando, ele vai tomar um seis”, brincou.

Para quem não conhece, o jogo de truco funciona assim: Na sua vez antes de jogar, cada jogador pode pedir truco. Se fizer isso, a dupla adversária deve decidir se vai aceitar, fugir ou pedir seis. Aí, a dupla que pediu o truco deve decidir se vai aceitar, fugir ou pedir dez, e assim por diante.

Ou seja, Lula está se dizendo disposto a partir para uma escalada contra Trump.

A cena, neste caso, entraria para a história: Donald Trump e Luiz Inácio Lula da Silva jogando truco no Salão Oval da Casa Branca.

Aos gritos, como no jogo de verdade.